

RORTY, PRAGMATISMO E A VERDADE*

RORTY, PRAGMATISM AND THE TRUTH

André Luís Gonçalves**

RESUMO

O propósito deste artigo é apresentar as considerações que o filósofo pragmatista estadunidense Richard Rorty faz em relação à verdade. As críticas proferidas por ele aos sistemas filosóficos metafísico-platônicos-fundacionistas demonstram certo ceticismo frente à proposta de encontrar fundamentos epistemológicos universais, tanto para o conhecimento quanto para a ação humana. O que pretendemos mostrar é que, para Rorty, na diversidade também se constroem verdades sem a necessidade de nenhuma apelação para teorias universais e absolutas do conhecimento. O uso acautelado do termo verdade supõe que um conjunto de crenças podem ser consideradas verdadeiras apenas pelo fato de estarem bem justificadas e não pelo número de pessoas concordando e aderindo à esse conjunto de crenças. Rorty discorda da existência de uma essência pura própria dos conceitos e, conseqüentemente, que haja uma essência da verdade a partir dos conceitos. Será possível perceber que as críticas que ele faz às teorias metafísicas do conhecimento com relação à verdade servem como um tipo de preparação para o desenvolvimento de toda a sua filosofia moral.

PALAVRAS-CHAVE: Rorty; verdade; pragmatismo; relativismo; antifundacionismo.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present the considerations that the American pragmatist philosopher Richard Rorty makes in relation to truth. His criticisms of the metaphysical-platonic-foundationist philosophical systems demonstrate a certain skepticism towards the proposal of finding universal epistemological foundations, both for knowledge and for human action. What we intend to show is that, for Rorty, in diversity it is also possible to construct truths without the need for any appeal to universal and absolute theories of knowledge. The careful use of the term truth assumes that a set of beliefs can be considered true only because they are well justified and not because of the number of people agreeing and adhering to that set of beliefs. Rorty disagrees with the existence of a pure essence to concepts and, consequently, that there is an essence of truth from concepts. It will be possible to see that the criticisms that he makes of metaphysical theories of knowledge in relation to truth serve as a type of preparation for the development of his entire moral philosophy.

KEY-WORDS: Rorty; truth; pragmatism; relativism; antifundacionism.

* Artigo recebido em 29/05/2024 e aprovado para publicação em 20/06/2024.

** Doutor em Filosofia pela UFMG (2021) na linha de Ética e Filosofia Política. Mestre em Filosofia pela PUC-Campinas (2005) na linha de Ética. Graduado em Filosofia pela PUC Minas (1999). Professor Adjunto I do Departamento de Filosofia da PUC Minas. Coordenador de Extensão, curso de Direito, PUC Minas no Barreiro. E-mail: basquiatpuc@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Grande parte das críticas de Rorty foram dirigidas aos fundacionistas ou filósofos da verdade, dentre eles, Platão. Segundo Rorty, não é possível defender um fundamento inabalável para a verdade devido à multiplicidade de valores e crenças que cada pessoa e cultura possuem. Na ausência de distinções universalmente confiáveis, o que nos resta é resgatar o etnocentrismo¹, onde seja possível valorizar termos novos em culturas e etnias diversas e enriquecedoras, inclusive, no campo da linguagem. Esse é o cenário em ele constrói o seu pragmatismo.

Com vistas a valorização cultural, Rorty não vê muito espaço para propostas fundacionistas que só falam e escrevem para comunidades seletas, em que o discurso já está formatado segundo padrões previamente estabelecidos. Sua crítica é que o fundacionismo funcionaria como uma camisa de força para a linguagem. Caso a filosofia tivesse o objetivo de estabelecer barreiras nos discursos, selecionando seus participantes, melhor seria abandonar a filosofia e trabalhar em direção a uma linguagem mais acessível, como acontece com a literatura. A filosofia possui uma função prática, pragmática e humanitária. Nesse sentido, devemos nos beneficiar da filosofia como sendo uma ferramenta indispensável para entendermos os discursos morais a partir da diversidade.

Em relação a construção da verdade, o pragmatismo presente na filosofia de Rorty nos remete a um tipo de relativismo moderado. Ele não desconsidera o perigo dessa interpretação e nos adverte que alguns de seus críticos simplesmente dão por encerrada e concluída toda a sua filosofia por causa disso. No entanto, ele próprio afirma que esse tipo de equívoco surge pelo fato de ele não colocar a filosofia como detentora exclusiva da construção de verdades. Isso fica ainda mais claro a partir das reflexões propostas por ele a respeito da verdade filosófica e da verdade literária. A filosofia e a literatura estão juntas no trato com a verdade dos discursos. A filosofia não ocupa lugar de destaque em relação a Literatura, a Física ou a Biologia.

Rorty propõe o desenvolvimento da capacidade de estabelecermos conversações entre vários interlocutores, numa interface que inclua filósofos, literatos, físicos e artistas plásticos

¹ É possível perceber por meio das obras de Rorty um sentido diferente de etnocentrismo. O conceito clássico de etnocentrismo está bem distante da proposta rortyana. Segundo Rorty, cada pessoa deve se apoiar nas crenças de sua cultura para fazer sua leitura de mundo, mas respeitando e considerando que existem costumes e verdades em outras culturas. A proposta de Rorty é que as pessoas busquem conhecer os valores e as justificações de outras culturas antes de julgá-las.

com respeitos semelhantes. Esse parece ser o propósito da filosofia pragmatista estadunidense que ele propõe: somar forças, juntamente com a literatura e outras áreas do saber, para dialogar com o outro, o diverso, minimizando os impactos de uma acentuada intolerância existente quando se defende uma verdade única.

A linguagem é a chave para a nossa interação com mundo das diversidades. Existem no mundo vários jogos de linguagem que vão sendo montados com vistas a justificar atitudes humanas. Nada impede que esses jogos de linguagem sejam substituídos ao longo do tempo, conforme a necessidade dos grupos de falantes existentes. O que o filósofo enfatiza é que necessitamos encarar as metáforas produzidas pelas linguagens com a mesma seriedade que alguns intelectuais encaram alguns enunciados metafísicos em torno do Ser. Diante dessas considerações é possível perceber Rorty como sendo um nominalista contemporâneo.

De acordo com o nominalismo rortiano, o verbete “verdade” não traduz aquilo que a coisa realmente é, mas o grau de aceitação que algumas sentenças possuem dentro de um campo linguístico, numa dada comunidade de falantes. Isso pode incluir gírias locais e regionais. O domínio da comunicação e do entendimento se expande sempre que alguém concebe ou cria ou modela um vocabulário, apontando para um novo conjunto de mundos possíveis, de sentidos, símbolos e significados. A linguagem não passa de uma manifestação da vontade humana a partir de sinais e ruídos. Partindo disso, podemos afirmar que, na filosofia de Rorty, a verdade, a linguagem e a moral não podem ser analisadas isoladamente. Elas se complementam.

Assim como os poetas, a filosofia de Rorty se compromete em aproximar os discursos, ou seja, o texto de seu contexto, a descrição do comportamento moral. Considerando a enorme rede de crenças existentes, a filosofia deve ser capaz de considerar e analisar metáforas dos discursos com vistas a uma interação semântica menos solitária. A finalidade desse artigo é fomentar, a partir de uma exposição do pragmatismo a respeito da verdade, futuras discussões sobre o comportamento linguístico dos falantes e a interface desse comportamento com amoral.

1 RORTY, PRAGMATISMO E A QUESTÃO DA VERDADE

A tradição pragmatista procurou distinguir dois tipos de verdades ou entendimento sobre a verdade. Essa distinção destaca dois modos de tratar esse termo. A primeira diz respeito às teorias que substantivam a verdade. Essas teorias possuem uma característica em

comum: encontrar afirmações, sistemas, equações cujo fim é obter resultados verdadeiros. A substantivação da verdade, de caráter teórico, irá tratar de sentenças, declarações, proposições e crenças cujo objetivo central é chegar em conclusões do tipo “isso é verdadeiro”. A segunda forma de tratar o termo verdade, contrariamente à primeira – de caráter teórico – trabalha com teorias deflacionistas, cujo objetivo central é “desubstantivar” o termo verdade ou desmembrá-lo exclusivamente do caráter teórico.

Essa forma deflacionista no trato com a verdade fez Rorty destacar três outros usos desse termo. Sem a pretensão de alongar em detalhes, e respeitando a herança deflacionista do filósofo, é possível observar que o primeiro uso que ele atribui ao termo verdade é o sentido do endosso. Nesse primeiro sentido, a verdade é encarada como um apoio ao que foi afirmado por alguém, cuja responsabilidade da afirmação não está em quem endossa. Expressões típicas desse endosso seria: certo! Ok! Está bem! É Verdade!

O segundo tipo de uso do termo verdade é o uso descitacional. Esse uso tem como recurso as metalinguagens. Rorty faz algumas advertências sobre esse uso pelo fato de se valer de “aspas”² em torno dos conceitos, dando um sentido de uma discordância a respeito de um suposto significado pleno que os conceitos carregam. Afirmações do tipo, “S” é verdadeiro se “X”, colocados entre aspas, pode colocar sob suspeita o pleno entendimento do conceito S e X. As aspas em torno dos conceitos demonstram certa suspeita ou imprecisão quanto ao significado preciso desses conceitos, ou seja, demonstra certa desconfiança quanto à verdade que esses conceitos carregam.

O terceiro e último tipo de uso do termo verdade que Rorty destaca é o uso acautelado. Esse uso evidencia que, o fato de “S” estar bem justificado quanto às suas razões de existir, isso não garante a sua plenitude sobre a verdade. De alguma forma, em busca da verdade, muitos falantes apenas justificam suas crenças sem atribuir um domínio conceitual único. O uso acautelado do termo verdade supõe que as crenças são verdadeiras por estarem bem justificadas e não pela quantidade numérica de pessoas concordando com essas crenças. Rorty discorda da existência de uma essência pura nos conceitos e, conseqüentemente, uma essência

² Davidson (2002, p. 116) diz que: “se Tarski disse ‘tudo o que há para dizer’ sobre a verdade, como Stephen Leeds, Paul Horwich e Soames afirmam, e Quine fortemente deu a entender, então um tipo de atitude deflacionária é justificada; isto não é exatamente o mesmo que a perspectiva da ‘redundância’, mas próximo dela. A perspectiva da redundância, tomada literalmente, é o mesmo que a perspectiva descitacional tomada literalmente: sempre podemos substituir, sem perda, uma sentença por essa mesma sentença entre aspas, e seguida pelas palavras ‘é verdade’. O que Tarski acrescentou, como Michael Williams e outros apontaram, foi um modo de predicar a verdade de classes de sentenças inteiras, ou de sentenças às quais não sabemos como referir; pode-se pensar isto como uma elaboração da teoria da redundância no que ela permite a eliminação do predicado-de-verdade quando aplicado a sentenças de uma linguagem para a qual esse predicado foi definido”.

da verdade dentro dos próprios conceitos. Segundo o comentador Paulo Ghiraldelli Jr, no uso acautelado, o fato de uma crença estar bem justificada não quer dizer que nela contém uma verdade universal e absoluta. Rorty (*apud* Ghiraldelli Júnior, 1999, p. 39) afirma que:

[...] nenhum conceito tem essência. E o que se pode fazer com um conceito, de modo a utilizá-lo para melhorar a comunicação e a cooperação humanas, é colocá-lo em relação com outros, sucessivamente – contextualizando-o. É o que se pode fazer com a verdade. O que podemos fazer é ver como e quando usamos o termo “verdadeiro”.

Esses três tipos de considerações que Rorty faz em relação aos usos do termo verdade acaba revelando a característica deflacionista de sua filosofia que mostra grande desconfiança frente às metanarrativas idealistas, fundacionistas e metanarrativistas. A proposta rortyana caminha em direção a uma não preocupação em defender uma única fonte segura para o conhecimento humano, tal como fizeram Platão e Descartes ao distinguirem razão e sensação ou mesmo fontes confiáveis para colocar, de um lado, a tradição e, do outro, o senso comum. Rorty diz que, na ausência de tais distinções, surge a necessidade de um apelo ao etnocêntrico, ou seja, a valorização de outras características capazes que distinguir uma cultura de outra sem a pretensão de apurar qual delas professa um discurso verdadeiro e qual professa um discurso falso sobre o mundo. Para Rorty, a filosofia não contribuiria com nada empreendendo esforços nessa direção.

O fato de não pensarmos em nós mesmos como detentores exclusivos da distinção entre razão e emoção, tradição e opinião comum, nos capacita a procurar por outros termos que venham a nos servir para distinguir, mesmo que temporariamente em vista de certos propósitos, o Eu que mora no centro e o Eu que mora na periferia da verdade. Tipicamente, os termos aos quais nós nos recorremos são autoconscientemente etnocêntricos: ser cristão ou americano ou marxista ou antropólogo ou liberal burguês pós-moderno. Adotando essa autocaracterização, anunciamos à nossa audiência “de onde estamos vindo”, quais são as nossas afiliações espaço-temporais e contingências (Rorty, 2002, p. 277-278).

Rorty critica as teorias da racionalidade quando elas afirmam serem irracionais qualquer juízo que não use critério neutro e independente da cultura ou da linguagem aplicada. Em seu livro *Filosofia e o espelho da natureza* (*Philosophy and the mirror of nature*), ele afirma que os monistas neutros sugeriram que a filosofia buscasse descobrir um substrato subjacente, assim como o cientista descobriu a molécula abaixo dos elementos. No

entanto, não é possível admitir que esta “substância neutra” da filosofia tenha poderes próprios³.

2 O ANTIFUNDACIONISMO EM RORTY

Ao falar da verdade, numa visão prática ou pragmática é necessária uma prudência para não se pretender estabelecer um padrão que funcione como substituto aos já propostos. De nada valeria desbancar uma verdade, posta como absoluta, para postular outra em seu lugar. O que Rorty está propondo é uma análise antifundacionista da verdade. Não pretende também defender que uma proposição, para ser verdade, deva haver uma fundamentação última, um princípio *a priori* que sustente a afirmação do que se diz ser verdadeiro.

Rorty não entende como verdade aquilo que está fundamentado por razões metafísicas. Para que algo seja válido universalmente e chamado de verdade absoluta é necessário, antes disso, admitir sistemas linguísticos bons e inequívocos, estabelecendo um conjunto de afirmativas universais que desconsideram a própria diversidade cultural existente. Estabelecida essa camisa de força linguística, torna-se impossível aceitar qualquer assertiva que se apresente como distinta da verdade posta e supostamente fundamentada. Em reação a esses sistemas intolerantes e absolutos, Rorty assume sua posição antifundacionista, apontando para um horizonte mais amplo e rico de verdades, dissociado de fundamentos últimos ou mesmo de princípios inabaláveis.

Rorty não está negando a existência de verdades. Seu argumento parte do princípio de que as verdades existem, mas podem não ser compreendidas indistintamente por todo mundo. A verdade nada mais é que um conjunto de crenças que uma dada comunidade criou a partir da experiência cotidiana de vida. Essa variedade de experiências vividas é que condicionam as assertivas consideradas verdadeiras. De acordo com essa multiplicidade de experiências é possível compartilhar de uma mesma realidade sem a necessidade de postular juízos sintéticos *a priori*, nos moldes kantianos.

Diante desses impasses entre fundacionistas e antifundacionistas, o filósofo se pronuncia dizendo que, se o objetivo da filosofia for impor um esquema universal de verdade e que só terá valor de verdade aquilo que estiver fundado em princípios universais de

³ Em nota Rorty (1995, p. 100) esclarece: “como penso que Sellars mostrou, e como tenho estado argumentando aqui, a distinção subjetivo-objetivo (a noção de ‘parece’) pode muito bem continuar sem as noções de ‘mente’, ‘propriedade fenomênica’ etc.”.

aceitação, então melhor seria abandonar a filosofia. Sua posposta é admitir verdades que ampliam o entendimento sobre a multiplicidade e diversidade do mundo. Rorty diz que, se for possível pensar um pragmatismo sem método ou mesmo um Heidegger sem ontologia, logo se entenderia por que caminho a vida intelectual deveria ser conduzida. Segundo Rorty (2002, p. 107):

Ela (*a vida intelectual – grifo nosso*) seria perseguida sem muita referência às distinções tradicionais entre o cognitivo e o não cognitivo, entre “verdade” e “conforto”, ou entre o proposicional e o não proposicional. Em particular, não se faria muito caso da linha que separa “filosofia” de alguma outra coisa, nem da tentativa de atribuir papéis culturalmente distintivos para a arte, a ciência, a religião e a filosofia. Ela se livraria em boa hora da ideia de que haveria um tipo especial de *expert* – o filósofo – que lidaria com certo âmbito de tópicos (por exemplo, Ser, raciocínio, linguagem, conhecimento, mente). Não se pensaria mais por muito tempo que a “filosofia” é o nome de um recinto sagrado que precisa ser mantido fora das mãos dos inimigos. As pessoas em outras disciplinas não se aproximariam mais por muito tempo dos professores de filosofia para ter seus conceitos propriamente “clarificados” (como o estudante de Mary McCarthy, que depois de terminar sua curta estória, necessitava de ajuda para pô-la em símbolos).

Rorty deseja que as pessoas sejam libertadas da ideia de que existe um caminho científico especial para lidar com conceitos filosóficas que possuam um autoridade superior aos postulados da História, da Física, da Astronomia e da Literatura. Assim como outras disciplinas, a filosofia tem a mesma tarefa de tornar o mundo mais acessível às relações humanas.

3 A VERDADE PRÁTICA

Rorty usa de argumentos pragmáticos ao manifestar suas preocupações em relação à verdade. Seu objetivo não é brigar com as diversas teorias de verdade ou mesmo se opor a elas. Sua preocupação está em indicar alguns modos de entender ou mesmo esclarecer o que as diversas teorias buscam dizer sobre o mundo. Ao contrário de limitar o campo do entendimento, ampliá-lo, com o objetivo de minimizar as barreiras e intolerâncias entre as pessoas. Isso acabou se tornando um dos princípios de sua filosofia moral. Sua resistência aos fundacionistas se deve a essa proposta de ampliar o horizonte de entendimento entre os falantes. Na análise de Rorty, não é possível conseguir esse entendimento amplo, estabelecendo padrões para análise e leis que determinem uma forma de relacionamento com o mundo.

Com o objetivo de facilitar a comunicação entre as pessoas e, contiguamente, a tolerância mútua em meio à diversidade cultural, torna-se necessário entender a verdade como uma consequente manifestação das relações entre os falantes. Esse é o aspecto prático que a verdade deve servir. A partir de um entendimento mútuo entre os diversos tipos de verdade, tornar possível um diálogo mais humano e mais tolerante entre as pessoas.

O objetivo prático da filosofia, segundo ele, continua sendo facilitar a compreensão das diversas verdades que existem sobre o mundo e as pessoas no mundo, observando e traduzindo as múltiplas formas de ler o mundo.

O foco da atenção de Rorty não é propriamente a verdade, mas as diversas relações que as pessoas têm com a verdade. Em vez de estabelecer sistemas, leis e mundos intangíveis, entendê-la de acordo com a cultura, tendo em vista uma proximidade ética mais humana e solidária entre os falantes em meio aos diversos costumes e mundos possíveis. O conhecimento de diversas crenças pode facilitar a interação e o entendimento mútuo entre as pessoas, promovendo uma comunicação e um convívio mais coerente em relação à contingência das opiniões humanas sobre o mundo. Para que esse objetivo seja alcançado, não é necessário estabelecer leis universais que condicionem o entendimento sobre o mundo, mas entender os comportamentos linguísticos estabelecidos na convivência.

A busca por novos mundos, ultrapassando barreiras epistemológicas e metafísicas de entendimento, faz suscitar, na visão de Rorty, uma inclusão livre das pessoas no mundo. Para manter essa liberdade torna-se indispensável o desprendimento idealístico de sistemas, epistemologias e éticas, cuja preocupação primaz seja defender uma verdade única e inquestionável.

A necessidade de um olhar crítico sobre os sistemas idealistas como sendo apenas mais uma proposta de verdade que deve ser direcionado para um contexto específico e limitado de análise. Rorty não acredita que seja possível chegar a um denominador comum sem uma troca mútua de experiências e questionamentos e diálogos.

4 O RELATIVISMO EM RORTY

Comentadores de linhas contrárias a Rorty o acusam de relativista. Essa suspeita surge por ele não privilegiar nenhum raciocínio universal em torno da verdade, considerando que todos possuem seu valor de acordo com o contexto a que pertencem. Ao dizer que é possível encontrar verdades pelo mundo inteiro, tanto entre realistas e positivistas, quanto entre céticos

e pragmáticos, estaria adotando uma postura relativista com relação a verdade. Entretanto, essa acusação parece não incomodar Rorty. Ele argumenta que não se preocupa em defender uma verdade pura e absoluta em relação a outras divergentes. Ao contrário disso, pretende conhecer e analisar as diversas verdades, que na visão de Rorty melhor seria dizer “crenças”, geradas a respeito do mundo e, a partir disso, conseguir um maior número de elementos que favoreçam um diálogo mais tolerante não apenas no nível epistêmico, como também na esfera moral.

A acusação de relativismo caberia sim àqueles, cuja preocupação está em encontrar um postulado verdadeiro, contestá-lo ou propor alternativas. O relativista é aquele que concorda com as diversas maneiras usadas para se chegar às diversas verdades que possuem. O relativista tem a preocupação em identificar o tipo de verdade que cada comunidade considera unânime dentro daquele contexto, o qual todos da comunidade deverão respeitar.

A questão sobre o relativismo na filosofia de Rorty é realmente um problema que merece uma atenção especial, o que não é o propósito deste artigo. No entanto é necessário retomar uma afirmação do próprio filósofo de que os conceitos são relativos, mas ele não se classifica como relativista. Ele diz que os conceitos são ferramentas linguísticas. Essas ferramentas são relativas de acordo com cada função durante a fala. Não se usa a mesma ferramenta para todas as atividades, assim como não se usa o mesmo conceito para descrever a ação. Portanto, a linguagem é relativa e pode variar de acordo com cada cultura a partir de descrições e narrativas. No que diz respeito ao relativismo, diz Rorty, ele não é apenas uma descrição, mas uma representação da verdade. O que Rorty menos pretende é ser o representante de uma verdade. Segundo Paulo Ghiraldelli Jr (1999, p. 50):

Ele quer poder afirmar que as descrições são nossas – pois o mundo não fala, só nós é que falamos – e sendo nossas são, portanto, relativas, e concomitantemente quer afirmar que esta sua posição não é relativista, dado que cada descrição, como ferramenta, tem sua própria função específica e sua própria utilidade, não podendo ser trocada por outra. O relativismo é a posição na qual cada descrição é tomada como uma representação, e todas elas são equivalentes dado que nenhuma representaria mais a realidade que outra. Para Rorty, nossas descrições – comuns, literárias, científicas, filosóficas – são sim relativas, mas, ao dizer isso, ele não se vê como relativista, na medida em que entende estar tomando a descrição como uma ferramenta em uma caixa de ferramentas.

Rorty não visa estabelecer uma verdade absoluta, muito menos metafísica. As pessoas devem se aproximar umas das outras através do discurso e da linguagem. O fato de Rorty não se preocupar com uma verdade parece ainda mais evidente quando apresenta a sua própria

definição de verdade. A verdade, ou o que chamamos de verdade, nada mais é do que **proposições bem justificadas**. Algumas proposições são tão bem justificadas que as pessoas as acolhem como sendo verdadeiras e úteis. Da mesma forma, as que não estão bem justificadas ficam carecendo de crédito ou título de verdade. Em outras palavras, a verdade nada mais é do que um conjunto definido de justificações, montadas com a finalidade de convencimento. Essas justificações são performáticas e por terem um aspecto cativante, tal como uma argumentação polida, são assumidas como tal e passam a constituir referência ou recebem o título de verdade.

Essa retomada a respeito do termo verdade ajuda a entender por que motivo Rorty não deseja defender uma verdade performática. Sua preferência está em analisar como foram formados os jogos de palavras, as proposições e o impacto que essas organizações linguísticas tiveram na relação entre as pessoas. Isso torna possível entender como foram formados certos tipos de justificações para as atitudes X ou Y, ou seja, quais as razões que motivaram na ocasião *N'* a atitude X, e na ocasião *P'* a atitude Y. Não que X ou Y sejam mais verdadeiros que A ou B, mas que foram justificados como mais viáveis na ocasião *N'*, para X, e *P'* para Y.

O comportamento entre as pessoas deve ser analisado e considerado a partir da linguagem e das justificações formadas em função das assertivas de certo e errado que os grupos de convívio determinaram. Padrões e métodos universais obrigam as pessoas e a linguagem a se fundirem em formas que limitariam a diversidade. Na filosofia de Rorty, o que mais intriga é a diversidade sendo desrespeitada pelos métodos em busca de verdades que aparecem para reinar. Por esse motivo Rorty não se preocupou com a verdade, como interpretaram os que o acusam de relativismo. Dialogar com a diversidade é mais interessante do que estabelecer barreiras de entendimento, propondo como base um padrão único de realidade ou conceito. Rorty não tem um padrão e nem quer postulá-lo.

A diversidade de comportamentos, linguagens e justificações será garantida quando as pessoas deixarem de impor padrões como se fosse uma competição do tipo “que vença o melhor”. Sua proposta caminha em direção a moral que busca por um diálogo mais tolerante e solidário.

Rorty esclarece, em seu artigo *Solidariedade ou objetividade?*, que é possível perceber três distinções referentes ao termo *relativismo*: 1) toda e qualquer crença é boa como qualquer outra; 2) a verdade é um termo equívoco, com inúmeros significados, que admite um número infinito de justificações; 3) não há nada a ser dito sobre a verdade além do que a comunidade

que pertencemos diz ser a verdade. Os pragmatistas⁴ preferiram aderir a essa última definição justificando que a primeira é autor

refutadora e que a segunda admite muitas interpretações. Seguindo o raciocínio do próprio Rorty, pode-se considerar que ele participa de um tipo especial de relativismo⁵. Em seu livro *Filosofia e o espelho da natureza*, o filósofo considera que o fato de dizer que o verdadeiro e o correto são questões de prática social pode servir de condenação a um relativismo reducionista, seja em relação ao conhecimento, seja em relação à moral. Porém, Rorty critica aqueles que insistem em considerar a filosofia como aquela disciplina capaz de selecionar um grupo de visões (consideradas mais racionais), apoiando-se em uma matriz neutra – permanente para toda a história – considerando o relativismo como aquilo que exclui automaticamente as teorias de coerência de justificação intelectual e prática. Os filósofos profissionais, diz Rorty, são resistentes à afirmação de que o conhecimento pode não ter fundamentos ou direitos e deveres com base ontológica. A resistência dos ditos “filósofos tradicionais” surge pelo fato de que, se não admitirem uma “matriz neutra permanente, segundo a qual os dramas da inquirição e da história são encenados, tem um corolário de que a crítica da cultura de alguém só pode ser fragmentada e parcial – nunca ‘por referência a padrões eternos’” (Rorty, 1995, p. 184). Esse anseio filosófico de que as asserções e ações devem corresponder a algo, independentemente do que as pessoas dizem ou fazem, é o mesmo anseio, segundo Rorty, que levou Platão a dizer que “as palavras e os feitos de Sócrates, não sendo, como era o caso, coerentes com a teoria e a prática correntes, não obstante correspondiam a algo que os atenienses mal podiam vislumbrar”. O que está sendo contestado por Rorty é o problema de tentar reduzir “normas, regras e justificações a fatos, generalizações e explicações [...] o tipo de behaviorismo que dispensa fundamentos está

⁴ Segundo Davidson (2002, p. 49), “o problema ao qual os pragmatistas estavam se consagrando – o problema de como relacionar a verdade aos desejos humanos, às crenças, intenções e ao uso da linguagem – parece-me o problema correto para se concentrar ao se pensar sobre a verdade. Parece-me, também, que este problema não está mais próximo de uma solução hoje do que estava na época de Dewey”.

⁵ Esse modelo de relativismo estaria próximo do ceticismo como uma forma de prudência no assentimento ou suspensão do juízo frente ao que diz ser verdadeiro? Essa é a suspeita que levanta Margutti Pinto – um dos críticos à filosofia rortyana –, em seu artigo “Pragmatismo, ironismo e Ceticismo em Richard Rorty”, quando retruca ao artigo de Rorty: *Pragmatismo, filosofia analítica e ciência*, Margutti Pinto (1998) diz: “ao exagerar a parte subjetivista de seu pragmatismo, Rorty parece rapidamente degenerá-lo em uma forma de relativismo e, em última instância, ceticismo. Isso se parece com um inesperado retorno à boa e velha metafísica. Ora, o pragmatismo autêntico nada tem a ver com subjetivismo exacerbado e ceticismo. No seu artigo, Rorty argumenta que é difícil para nós pragmatistas sacudir a acusação de ‘relativismo’. Acredito que é muito mais difícil no caso dele, porque a verdadeira acusação a ser eliminada é a de ‘ceticismo’. Assim, se Rorty deseja permanecer um pragmatista autêntico, ele deveria abandonar os exageros subjetivistas e, acima de tudo, as dúvidas radicais e contínuas a respeito de vocabulários finais. [...] Nesta perspectiva, o ironista, enquanto filósofo cético, tem uma importante tarefa a realizar: lançar dúvidas, intrigar, provocar, perturbar. Quanto a mim, estou apenas tentando chamar um cético de cético”.

bastante inclinado a dispensar a filosofia” (Rorty, 1995, p. 183- 185). Rorty concorda com Quine quando diz que não existe qualquer asserção imune a revisão. Apenas o filósofo profissional sente-se ameaçado por aquele de postura cética frente à epistemologia. Em outras palavras, “o relato de uma natureza do conhecimento pode ser, no máximo, uma descrição do comportamento humano” (Rorty, 1995, p. 185-186).

Pode-se entender a palavra verdade, nesse terceiro sentido de relativismo, de acordo com um viés etnocêntrico, ou seja, como um termo geral de aprovação em que as pessoas estão livres para usá-la de acordo com sua própria experiência. Rorty não concorda em definir esse terceiro ponto como relativismo sem considerar o etnocentrismo que o seu pragmatismo carrega. Ainda mais: “o pragmático não está desenvolvendo uma teoria positiva que afirma a verdade como alguma coisa referindo-se a uma outra. Ele está, ao invés disso, construindo uma posição puramente *negativa* segundo a qual nós devemos abdicar da distinção tradicional entre conhecimento e opinião” (Rorty, 2002, p. 40). Torna-se importante salientar que o termo verdade aqui tem um sentido próprio: a verdade é apenas um sinal de aprovação para crenças bem justificadas e não mais que isso. Para o realista essa postura é uma afronta à natureza intrínseca que ele, o realista, acredita existir em relação à verdade. Ao pragmático cabe dizer apenas uma coisa em relação à verdade: considera-se verdade “aquelas crenças que ele ou ela acham boas para se acreditar” (Rorty, 2002, p. 209). Ele destaca que

acusar o pós-modernismo de relativismo é tentar colocar a metanarrativa na boca do pós-modernista. Faremos isso se identificarmos ‘tomar uma posição filosófica’ como ter uma metanarrativa acessível. Se nós insistirmos em uma tal definição de ‘filosofia’, então o pós-modernismo é pós-filosófico (Rorty, 2002, p. 269).

O pragmático, diz Rorty, não quer postular uma teoria da verdade e muito menos defender verdades relativas. “O relativismo (seja na forma das ‘muitas verdades’, seja na dos ‘muitos mundos’) só poderia inserir-se na mente de alguém que, como Platão e Dummett, tivesse sido anteriormente convencido de que algumas de nossas crenças verdadeiras estão relacionadas com o mundo de um modo, segundo o qual, outras não estão” (Rorty, 2002, p. 75). Pode-se chamar de relativista àqueles que defendem como válidas tantas epistemologias *a fortiori*. Não tendo o pragmatista qualquer epistemologia desse nível, logo ele não possui nenhuma epistemologia, ou teoria sobre a verdade, para ser chamado de relativista.

Rorty diz que o que definimos como conhecimento objetivo ou como verdade não passa de um elogio que fazemos às crenças que pensamos estarem bem justificadas. Crenças

que descartam uma justificação adicional. Isso pode ser chamado de verdade. Uma investigação a respeito do conhecimento só teria valor a partir de um histórico, detectando como pessoas de conhecimentos, crenças e expectativas variadas alcançam concordância sobre aquilo em que acreditam (Rorty, 2002, p. 41).

CONCLUSÃO

A filosofia pragmatista de Richard Rorty carrega consigo contestações notáveis a respeito daqueles sistemas filosóficos que buscam propor um jogo de linguagem padrão para se falar, conceituar e julgar. Reduzir a verdade a padrões universais, segundo ele, pode abafar a criatividade, a reformulação das experiências e a substituição de termos desgastados como é o caso do próprio termo verdade.

O que se pretende com a expressão “é verdadeiro que...” pode não condizer com a defesa de um critério inabalável de certeza. Expressões desse tipo podem estar carregadas de uma mera vontade de dominação e poder sobre aqueles falantes que não se dedicaram, profissionalmente, ao trabalho de postular verdades. Rorty adverte que aqueles que dizem possuir a verdade podem estar querendo apenas dominar um campo de interpretação sobre a realidade, classificando toda divergência como irracional ou fraca.

O filósofo entende que “verdade”, entre aspas, é o nome que se dá para aquilo que foi aceito por uma dada comunidade de falantes. Como as comunidades são diversas, as verdades também devem ser. Nesse sentido, é verdadeiro aquilo que for aceito convenientemente como tal, em uma específica comunidade de falantes. Nesse sentido, a verdade deve acompanhar o conjunto de crenças que cada cultura elege como dignas de respeito. Somado a isso, a expressão “é verdade que...” pode ser substituída por “cremos que...”, sem problema algum.

Se por um lado a proposta de se estabelecer um vocabulário universal tenha sido feita para favorecer a comunicação, por outro, a diversidade existente de realidades se mostra inconciliável com um vocabulário epistêmico único. A ideia de uma verdade única, não abre espaço para os heterogêneos assentimentos que porventura aparecem e poderão aparecer nas culturas. Alguns preferem classificar o diferente como irracional ou mentiroso em vez de buscar uma interação com as diferentes leituras de mundo, bem como uma ruptura com preconceitos.

As culturas são cheias de verdades, de símbolos sagrados, de relações com o desconhecido por meio de mitos, magias e estórias que compõem seus cenários. Essas

verdades podem vir manifestadas na dança, na poesia, nas metáforas linguísticas, bem como em compêndios e teoremas. Embora cada cultura tenha maneiras diferentes de se expressar, nada impede que suas verdades sejam válidas para o contexto em que foram geradas.

Esse novo trato com a verdade parece favorecer o movimento rortiano em direção a uma ética menos hostil à diversidade. Nesse sentido, é possível observar o motivo de Rorty partir para o etnocentrismo como mola mestra para se ler o mundo. Em vez de privilegiar relativamente as verdades, ele propõe um diálogo com as diferenças até onde for possível, com vistas a uma troca mútua de experiências exclusivamente humanas.

REFERÊNCIAS

DAVIDSON, Donald. **Ensaio sobre a verdade**. Tradução de Paulo Ghiraldelli Jr *et al.* São Paulo: Unimarco, 2002.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Richard Rorty**: a filosofia do novo mundo em busca de mundos novos. Petrópolis: Vozes, 1999.

PINTO, Paulo Roberto Margutti *et al.* (org.). **Filosofia analítica, pragmatismo e ciência**. Belo Horizonte: Humanitas – UFMG, 1998.

RORTY, Richard. **A filosofia e o espelho da natureza**. Tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

RORTY, Richard. **Objetivismo, relativismo e verdade**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Escritos Filosóficos I, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.